



GT 07. Antropologia da Técnica

Coordenador(es):

Jeremy Paul Jean Loup Deturche (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Júlia Dias Escobar Brussi (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Emanuel Sautchuk (UnB)

Sessão 2

Debatedor/a: Eduardo Di Deus (UNB - Universidade de Brasília)

Sessão 3

Debatedor/a: Fabio Mura (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A 4ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, além de seguir contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como « ato tradicional eficaz », é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na interação entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se « estar no mundo », não dentro de uma ótica estritamente materialista, mas na perspectiva da produção de conhecimento, ou do habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos se busca apreender como « se pensa com a mãos » e refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos.

Tecnologias de Construção Xukuru do Ororubá.

Autoria: Daniel Bernardo Rocha Guimarães de Souza (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

Este work traz notas de pesquisa provenientes de dados etnográficos experienciais sobre as tecnologias de construção do Povo Indígena Xukuru do Ororubá localizado no agreste pernambucano, com os quais venho realizando works a partir da pesquisa ação desde 2015, auxiliando na materialização do processo de revitalização e ressignificação de suas tecnologias devido a reelaboração da identidade étnica (OLIVEIRA, 1999) iniciada a partir da retomada do território que ocorreu entre os anos de 1990 e 2005. O contexto histórico e cultural do povo indígena Xukuru do Ororubá é marcado pela fricção interétnica (OLIVEIRA, 1976) devido ao processo de colonização iniciado no final do século XVI (SILVA, 2007), a gradual expulsão de seu território ancestral e a dominação que forçou o distanciamento da prática de seus conhecimentos tradicionais, como a promulgação do Diretório Pombalino ainda em 1757 que, entre outras coisas, proibiu a fala da língua mãe e os obrigavam a deixarem as suas habitações coletivas para construir casas individuais com quartos separados para as suas famílias (ALMEIDA, 1997) Neste sentido, utilizando-se do conceito de Portocarrero (2010), em que as tecnologias compreendem as formas, materiais e métodos construtivos, informações que foram trazidas pelo encantado da Jurema Branca, incorporado em um médium, durante o ritual do toré e informou que «aquela construção era para ela?», e que «a mesma deveria ser como



uma oca igual à que os antigos moravam?, complementou dizendo que deveria ser ?de formato circular, paredes de taipa com pedra e coberta de palha, barro e palha por cima, para proteger da chuva e dos invasores?, o que aconteceu em uma das construções que ocorreram no processo desta pesquisa nomeada de Casa dos Ancestrais. A partir da ecologia dos saberes (SANTOS, 2002) buscou-se resolver os detalhes construtivos a partir das soluções trazidas pelos os mestres e ferramentas existentes no local, as construções foram realizadas em formato de mutirão nos quais indígenas de diversas aldeias do território participaram do processo, para realizar o tapeamento, cobertura da estrutura de madeira com terra, foram convidados os alunos concluintes do ensino médio da escola da Vila de Cimbres que participaram juntamente com os mestres ?mais velhos?. Este processo de retomada das tecnologias de construção Xukuru do Ororubá faz parte do projeto de futuro do povo que é a busca pelo ?Bem Viver Xukuru? que está inspirado no mundo dos velhos no qual os encantados, os ancestrais que já fizeram a sua passagem, estavam vivos. Essas tecnologias são realizadas a partir dos conhecimentos tradicionais e suas ressignificações, devido as necessidades construtivas contemporâneas e são realizadas pelos mestres da tradição que dominam esse saber fazer.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: